

## **Garçons cearenses no Rio de Janeiro: comunicação e migração<sup>1</sup>**

Alessandra MARQUES<sup>2</sup>  
Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema a relação entre comunicação e migração observada a partir do estudo de um grupo de cearenses que residem na cidade do Rio de Janeiro e trabalham como garçons. A comunicação, tratada como processo cultural que contempla a partilha de sentidos, revela-se como prática social que contribui para manter ativo o fluxo migratório de cearenses para o Rio de Janeiro. Especificamente, será observada de que forma as representações sobre o Rio de Janeiro circulam através das narrativas orais compartilhadas entre as pessoas que já migraram e os conterrâneos que têm interesse em migrar e como esses relatos se relacionam com o fenômeno migratório.

**PALAVRAS-CHAVE:** migração, comunicação, narrativas.

### **Introdução**

A migração não pode ser compreendida como um deslocamento no mapa, afirma Durham (1973: 189), mas como um trânsito inserido em uma rede de relações sociais. Nesse sentido, o presente artigo propõe um diálogo entre comunicação e migração, a partir de uma pesquisa realizada com cearenses que moram no Rio de Janeiro e trabalham na cidade como garçons. Pretende-se aqui estabelecer uma aproximação entre as narrativas orais sobre a cidade do Rio de Janeiro, que os migrantes compartilham com os conterrâneos, e os fluxos migratórios entre as cidades da região noroeste do Estado do Ceará e o Rio de Janeiro.

A escolha dos sujeitos desta pesquisa – os garçons – origina-se em uma curiosa tradição do Rio de Janeiro: a grande maioria desses “profissionais das bandejas” que trabalham na cidade nasceu em algum município do Ceará<sup>3</sup>. Com bastante frequência, os municípios destes migrantes são próximos uns dos outros, como é o caso das cidades de Ipu, Ipueiras, Hidrolândia,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento integrante do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Alessandra Marques é mestre em Comunicação pela UERJ (2007), graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela UFC (2000) e professora dos cursos de Comunicação da Faculdade 7 de Setembro (FA7), em Fortaleza, Ceará. E-mail: alemarques76@gmail.com.

<sup>3</sup> O Sindicato dos Garçons, Maitres e Barmans do Estado do Rio de Janeiro (Sigabam) não tem a contagem exata do número de cearenses que trabalham em bares e restaurantes do Rio de Janeiro mas estima que existam 50 mil garçons nordestinos no Estado do Rio de Janeiro. Desse total, seis mil são filiados à instituição, sendo 80% do Ceará.

Santa Quitéria, São Benedito, Sobral, Reriutaba, Guaraciaba do Norte, Groaíras, Varjota, Cariré, Ibiapina, localizados na mesorregião noroeste do Estado do Ceará. Conseqüência de uma rede de relações sociais estabelecidas entre migrantes, o “fenômeno” dos garçons cearenses já rendeu reportagens em grandes jornais da cidade do Rio de Janeiro.

Antônio Antenor Soares, de 50 anos, desembarcou no Rio de Janeiro num domingo de carnaval, em 1964, depois de seis dias de viagem, vindo de Guaraciaba do Norte, no Ceará. Escapou de ser peão de obra e começou sua carreira em bares e restaurantes como atendente de balcão num pé-sujo no Beco das Garrafas. O apelido de Garrincha foi dado anos depois por um cliente famoso, Vinícius de Moraes, freqüentador da Churrascaria Carreto, em Ipanema, onde ele era garçom.<sup>4</sup>

Há 12 anos trabalhando no Bom Galeto Restaurante Grill, no Méier, o cearense Sousa, de 33 anos, nunca perdeu a paciência com os seus fregueses, nem mesmo com aqueles que desconfiam da conta e cismam em atribuir a culpa ao garçom. (...) - Eu gosto daqui, mas queria poder voltar para Reriutaba, a seis horas de Fortaleza, rever meus pais e montar um pequeno negócio por lá - diz Sousa, antes de retomar o seu posto, pegar a bandeja e servir alguns pratos de galetto.<sup>5</sup>

Erasmio Eufrazino de Melo: Tem 37 anos e, sem fugir à regra, é cearense. Nascido na cidade de Santa Quitéria, Erasmio é garçom há 12 anos, desde que chegou ao Rio, e já trabalhou em diferentes restaurantes da Zona Sul. Atualmente é garçom do La Mama, no Leblon.<sup>6</sup>

Antes de montar o D'Amici, os quatro sócios da casa haviam trabalhado como garçons, maîtres ou sommeliers em restaurantes renomados. Eles aprenderam as malícias do ofício na prática. - Somos todos cearenses, já passamos até fome no Nordeste. Eu comecei lavando pratos quando vim para o Rio. Não tínhamos experiência. Se hoje servimos bem foi por muita dedicação - conta Valmir, que deixou a cidade de Cariré há 25 anos.<sup>7</sup>

Os botequins Belmonte, por exemplo, com várias filiais na capital carioca, hoje pertence a um cearense nascido na cidade de Hidrolândia, que migrou para o Rio de Janeiro aos 15 anos, em 1982.

---

<sup>4</sup> Trecho da matéria “Subindo na vida: sócios e donos de redes de restaurantes mostram como é duro trabalhar e vencer”, publicada pelo Jornal O Globo, no dia 27 de março de 1997, Caderno: Zona Sul, p. 22.

<sup>5</sup> Trecho da matéria “Simpatia à moda do freguês no Méier”, publicada no Jornal O Globo, no dia 24 de abril de 1997, Caderno: Zona Norte, p. 8.

<sup>6</sup> Trecho da matéria “Rio das Pedras na bandeja”, publicada no Jornal O Globo.

<sup>7</sup> Trecho da matéria “Todo o prazer do bom atendimento”, publicada no Jornal O Globo.

No início, trabalhei para um pessoal que hoje um irmão deles é meu sócio. Comecei lavando prato, depois passei pra ajudante de cozinha, fui pra copa, ajudante de garçom e garçom. No dia da minha folga eu comia uma vez por dia, pra economizar. Eu cheguei aqui com duas camisas, uma calça, um short e um par de tênis e comprei a minha primeira camisa depois de 9 meses que eu tava aqui. (...) A gente quando trabalha com seriedade tem muitos patrões que reconhecem, outros não. Eu tive a sorte de encontrar pessoas que me deram oportunidades e eu aproveitei. (...) Juntei dinheiro e comprei um botequim na Cinelândia, o Carlitos. Depois consegui umas economias e comprei o Belmonte, que há 43 anos pertencia a três espanhóis e um português. O Belmonte era um barzinho, não tinha mesa, não tinha cadeira, não tinha nada. Era um lugar que tinha seis empregados e hoje eu tenho 40 lá <sup>8</sup>.

A história bem sucedida de Antônio não é regra, mas quando a história circula e chega à sua cidade natal é como se fosse. Pelo sucesso que alcançam na cidade, os proprietários de restaurantes são muito procurados por conterrâneos que esperam encontrar melhores condições de vida no Rio de Janeiro. O resultado dessa espécie de apadrinhamento pode resultar no que Antônio informa: “Hoje eu devo ter uns 450 funcionários, todos cearenses. Lá de Hidrolândia deve ter uns 200, um vai trazendo o outro e eu vou encaixando”.<sup>9</sup>

Ao longo da pesquisa, os próprios garçons ofereceram caminhos para tentarmos entender o grande número de cearenses trabalhando nesta função no Rio de Janeiro. No discurso dos entrevistados, algumas pistas:

O fluxo de vai e vem gerou todo um movimento de pessoas. Quanto a essa parte de ir para um restaurante e ser garçom, a gente chega aqui e já tem gente em restaurante, aí te levaram pra lá, pra lavar prato, e vai mudando de função.<sup>10</sup>

Então é realmente isso mesmo, um puxa o outro, pra dentro do restaurante, inclusive tem muita gente de uma mesma família em um mesmo restaurante. Vem alguém do Ceará, que traz um amigo, um primo, um parente, inclusive só de uma mesma região. É possível que você encontre no Rio de Janeiro restaurante que tenha muito uma influencia de um determinado lugar, Guaraciaba, Ipu, São Benedito. É muita gente.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

<sup>9</sup> Antônio Rodrigues, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2006.

<sup>10</sup> José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

<sup>11</sup> Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

Vim parar nesse ramo através de um cunhado da minha irmã, que já morava aqui há muito tempo, e me chamou pra trabalhar com ele em um bar lá na Penha. (...) Nunca chamei ninguém da minha cidade para morar aqui no Rio, quem veio, veio por si. Já ajudei algumas pessoas que chegaram. Já arrumei emprego pra várias pessoas, que esteja a meu alcance de arranjar.<sup>12</sup>

O cearense se adaptou a esse ramo de restaurante, hotelaria, já o paraibano, o pernambucano se adaptou ao ramo de edifício, de portaria. Então o que acontece: é uma questão de imigração. Por exemplo, eu sou garçom de restaurante, aí vem aqueles parentes do nordeste pra cá e vão se alocando. Os empresários sempre deram preferência ao pessoal nordestino, cearense, para trabalhar em restaurante, porque eram pessoas que se enquadravam naquele ramo de atividades, pela questão de alojamento, da alimentação. Por exemplo, você falava para o patrão: chegou meu primo do Ceará. Os patrões gostavam, porque eles sempre foram bons de trabalho, garçom, barman e *maitre*. 96% é cearense.<sup>13</sup>

### **A Escola de Palo Alto e a comunicação orquestral**

Nas migrações, os relatos compartilhados interpessoalmente ajudam a compreender os múltiplos sentidos do deslocamento populacional e são responsáveis pela tomada de consciência sobre oportunidades diferenciadas no sistema econômico do país (DURHAM, 1973). “Essa consciência é adquirida na própria experiência migratória, que é transmitida oralmente e se sedimenta como parte do acervo de conhecimentos de uma comunidade” (DURHAM, 1973: 188).

Esses conhecimentos transmitidos oralmente dialogam com a proposta da Escola de Palo Alto<sup>14</sup>, que encara a vida em sociedade como estrutura em realização permanente e performance que não pára (WINKIN, 1998). Os pesquisadores de Palo Alto entendem que, como membro de determinada cultura, o ator social faz parte de uma vasta orquestra, na qual cada um toca enquanto se adapta ao outro. “O modelo orquestral, equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a comunhão” (WINKIN, 1998: 34).

---

<sup>12</sup> Raimundo, em entrevista realizada Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 2007.

<sup>13</sup> José Raimundo, em entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2006, no Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> No livro *A Nova Comunicação*, Winkin apresenta a trajetória de pesquisa da Escola de Palo Alto, composta, entre outros estudiosos, pelos pesquisadores de formação antropológica Gregory Bateson, Erving Goffman, Edward T. Hall e Ray Birdwhistell e pelos psiquiatras Don D. Jackson, Paul Watzlawick e Albert E. Schefflen

Além da concepção de comunicação que fornece identidade ao pensamento da Escola de Palo Alto, as contribuições de intelectuais do grupo, a partir de suas pesquisas particulares, dialogam com o que discutimos no presente artigo. Edward T. Hall, que dedicou boa parte da sua vida como antropólogo a estudar a organização social do espaço entre os indivíduos, especializando-se em pesquisar o fenômeno provocado pelo contato entre representantes de culturas diferentes, tem na investigação dos códigos presentes na comunicação intercultural um dos principais focos dos seus estudos (WINKIN, 1998: 91). Hall debruçou-se sobre os códigos que regem a divisão e a utilização do espaço interpessoal; em outras, investigou os códigos da gestão do tempo<sup>15</sup>, combinando seu conhecimento íntimo sobre certas culturas com teoria e metodologia ligadas à Lingüística.

O que é preciso notar é que Hall, como todos os autores estudados aqui, encara a cultura como um conjunto de códigos decomponíveis e analisáveis. Toda interação obedece a regras, que o antropólogo deve expor à luz do dia. Não é de espantar, portanto, que também Hall use a analogia com a música para fazer compreender a sua visão do mundo social (WINKIN, 1998: 93).

Mattelart (1999) escreve que Hall destacou as diversas “linguagens silenciosas” próprias de cada cultura, como as linguagens do tempo, do espaço, de posse material, dos modos de amizade, de negociações de acordos. Citando Hall, Mattelart explica que essas linguagens informais encontram-se na origem dos choques culturais, das incompreensões e mal-entendidos entre pessoas que não partilham os mesmos códigos e não atribuem às regras de organização do espaço e da administração do tempo a mesma significação simbólica (MATTELART, 1999: 69). Hall busca, através da pesquisa em comunicação, capturar elementos que ligam os atores sociais presentes em um mesmo espaço cultural.

---

<sup>15</sup> Este assunto especificamente é tema presente na sua primeira obra, intitulada *The Silent Language* (1959, 1973). Tradução em português: *A Linguagem silenciosa*. Lisboa, Relógio D'Água, 1994).



### **Representações sobre a cidade nos relatos dos migrantes**

O garçom José Ribamar<sup>16</sup>, cearense de Reriutaba, que migrou pra o Rio de Janeiro aos 18 anos em 1981, relata: “Televisão naquele tempo era difícil, tinha não, via só Os Trapalhões. O que eu sabia sobre a cidade era o que o povo que já morava aqui e ia de férias para lá ou para uma temporada mais longa, contava”. O relato do garçom Batista, natural da cidade de Guaraciaba do Norte, que migrou para o Rio de Janeiro em 1980, é semelhante ao de Ribamar:

O que chegava até lá era que aqui era uma cidade maravilhosa, que todo mundo sonhava em vir, conhecer e eu vim exatamente pra isso, conhecer. Naquele tempo até que não tinha muito esse negócio de televisão, a televisão ainda não tava muito assim mostrando, você sabia mais por notícias, pelas pessoas que vinham daqui para lá, iam de férias, passavam um tempo, voltavam, aquele pessoal que vai e volta. Só falavam coisas boas, só traziam coisas boas, fotos maravilhosas, tudo de bom.<sup>17</sup>

Os pequenos relatos dos migrantes sobre a cidade do Rio de Janeiro, narrados aos conterrâneos, durante as visitas à terra natal, colaboram para a formação de imagens e expectativas sobre o Rio de Janeiro que os migrantes em potencial ainda não conhecem. Nesse sentido, as narrativas, como formas de representação coletiva e práticas comunicativas sociais, contribuiriam para o alargamento dos horizontes de experiência, nas quais são tecidos os saberes e poderes do mundo (RESENDE, 2005).

Para Benjamin (1994: 198), a narrativa é uma forma artesanal de comunicação que não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como informação ou relatório e seja qual for a narrativa a fonte será a experiência possível de ser passada de pessoa para pessoa.

Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador. [...] Os narradores gostam de começar a sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1994: 205).

---

<sup>16</sup> José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

<sup>17</sup> Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2006.

Benjamin (1994: 210) inclusive fala sobre certa ingenuidade que marca a relação entre ouvinte e narrador, dominada pelo interesse em conservar o que for narrado. Em outra passagem, o autor se aproxima da relação entre comunicação, narrativas e migração que a presente pesquisa propõe, ao utilizar a declaração popular, “quem viaja, tem muito que contar”, para explicar a imagem do narrador com a de alguém que vem de longe (1994: 198). E em forma de questionamento apresenta uma possível função dos narradores dentro das relações sociais: “não seria tarefa do narrador transformar a experiência, que pode ser sua e dos outros, em um projeto sólido, útil e único? (BENJAMIN, 1994: 221) .

Da indagação de Benjamin passamos às declarações do cearense Mário, que migrou da cidade de Hidrolândia para o Rio de Janeiro em 1999. Suas palavras mostram que, no final da década de 90, os relatos pessoais sobre a cidade do Rio de Janeiro continuam presentes nas partilhas cotidianas entre migrantes e conterrâneos, integrando a formação do imaginário sobre a capital carioca. “Antes de eu vir, eu ouvia muito comentário, das pessoas quando chegavam na minha cidade, que aqui era bom, era legal de ganhar dinheiro”, afirma Mário.

O pessoal dizia que aqui era bom, que tinha emprego, e a gente acreditava. Pra mim, o Rio de Janeiro era o Papai Noel, só festa, diversão, dinheiro, tudo muito simples, emprego muito simples. Esse fluxo entre o vai o vem, vai gerando todo um movimento de pessoas.<sup>18</sup>

Essas idas frequentes dos migrantes à terra natal, que caracterizam o comportamento migratório de alguns grupos, seria condição fundamental, além de favorável, para a circulação das narrativas de convencimento. Para Assis e Sasaki (2000), os padrões de migração recentes e as novas conceitualizações da migração resultariam também de um momento do desenvolvimento das redes sociais, mais do que apenas decorrência de crises econômicas. Fazito (2005: 14) ressalta que os retornos, sejam eles definitivos ou temporários, desempenham funções singulares e essenciais a todo processo social da migração.

Considerando que, a partir das histórias sobre a cidade, narradas pelos cearenses que já tenham se mudado para a capital carioca, a decisão por migrar pode ser antecipada, denominamos narrativas de convencimento esses relatos pessoais que além

---

<sup>18</sup> José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.



de narrar experiências funcionam como portadores de conteúdos migratórios e de representações.

### **O não-verbal nas narrativas de convencimento**

No contato entre migrantes e conterrâneos, além da oralidade, as representações sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre a experiência da migração são veiculadas por outras vias. As mudanças na imagem dos visitantes também carregam significados: as transformações no modo de vestir, na cor da pele, entre outros aspectos, foram mencionadas pelos entrevistados como elementos que se sobressaíam no contato com os migrantes que visitavam a cidade natal.

Trabalhar com essas duas formas de discursos dialoga com a reflexão teórica de Erving Goffman, integrante da Escola de Palo Alto e inserido na tradição teórica e metodológica da Escola de Chicago, para quem os atores sociais estão inseridos em um sistema onde todo comportamento fornece uma informação socialmente pertinente (WINKIN, 1998: 104). “Toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença continua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”, afirma Goffman (2002: 29), é representação.

Pela impossibilidade de separar, nos relatos dos migrantes, o conteúdo das histórias do contador das histórias, passamos então a considerar as narrativas de convencimento como “objetos” formados por relatos verbais e não-verbais.

O que eu sabia, era o que eu via. Eles chegavam melhor do que a gente tava lá. Aquilo tudo era um grande convencimento, se eles estão muito melhor do que nós, esse lugar é próspero. O cara bem vestido, uma pele melhor sem aquele queimado do sol, mais nutrido, o jeito de falar mudava, aparelhado com algumas coisas, se transportavam melhor, com carro. Tudo aquilo era um grande convencimento, entrava na cabeça da população e foi criando um grande mito.<sup>19</sup>

Os elementos que representavam o que seria uma vida melhor eram passíveis de ser conferidos por Ribamar e outros conterrâneos, e se transformavam, conforme ele destaca, em um grande convencimento. A relação desses encontros com a construção do imaginário sobre a cidade pode ser observada quando Ribamar relata que o convencimento “entrava na cabeça da população e foi criando um grande mito”. A

---

<sup>19</sup> José Ribamar, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.



sedução desencadeada pelas novidades que os migrantes portavam, como roupas diferentes e equipamentos eletrônicos, fica evidente nos detalhes narrados pelo entrevistado. Arriscamos inclusive a dizer que, no caso dos habitantes de uma pequena cidade, o conterrâneo que migra e volta apresentando melhores condições de vida desempenha o papel de representante desse outro inventado e desejado, sugerindo que “se ele conseguiu, eu também conseguirei”. O ato de inventar alteridades, porém, seria não somente a forma como as pessoas representam mentalmente umas às outras, mas contemplaria também os dispositivos de saber/poder que desencadeiam a construção dessas representações. Nesse sentido, o problema do “outro” demanda uma abordagem teórica realizada no âmbito do processo de produção material e simbólica verificado nas sociedades ocidentais a partir do século XVI (CASTRO-GOMEZ, 2005).

Exibir as novidades conquistadas no local de destino é prática que faz parte da migração como processo social. Os mais jovens frequentemente voltam para visitar a família, exibir novas experiências e novas posses. Esses recursos representam o sucesso na migração, criando atrativos para os parentes que ficaram. Outros irmãos, solteiros ou casados, repetem a mesma trajetória, com a ajuda uns dos outros, e o processo, em certos casos, termina quando os filhos, já estabelecidos, mandam buscar os pais (DURHAM, 1973: 190). A reflexão de Durham dialoga com o comentário feito anteriormente por Ribamar e está relacionado também com um dado fornecido por outro entrevistado, o garçom Raimundo, natural da cidade de São Benedito, que mora no Rio desde 1958. Durante a entrevista, o cearense relembra um episódio no qual a circulação dos bens de consumo assume caráter simbólico, quando os objetos adquiridos na nova cidade ganham significados que estão para além dos seus usos convencionais:

Meu pai quando mandou o primeiro dinheiro para nós, antes da minha família se mudar para o Rio de Janeiro, mandou também sandálias havaianas. Na época a gente usava alpercatas que meu avô fazia e quando o padre na igreja viu a gente com as havaianas disse: ‘Vixe, os filhos do expedito enricaram, o homem tá rico lá no Rio de Janeiro’. (...) Quando aqui já tava terminando a moda, levava pra lá, virava novidade.<sup>20</sup>

A reação do pároco da cidade de São Benedito ilustra a produção de sentido possível através da circulação de símbolos ocasionada pela migração. Desse modo, mais

---

<sup>20</sup> José Raimundo, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 10 de outubro de 2006.

do que deslocamento de pessoas, a migração contemplaria também um intercâmbio de sentidos, aqui entendido como

uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e legam com as situações e fenômenos a sua volta. (MEDRADO e Spink, 2004: 41)

Nos relatos dos entrevistados, a vida no Rio de Janeiro é associada à mudança na cor da pele, que deixa de ser queimada pelo sol e torna-se mais clara.

O pessoal que chegava lá chegava diferente, corzinha branquinha, perfume diferente, chiando que nem cobra de veado.<sup>21</sup>

As pessoas chegavam diferentes, até pela cor era diferente. Não pegava mais aquele sol da roça, tinha diferença.<sup>22</sup>

Quando alguém chegava, a diferença tava na cara. A pele de quem ia morar no Rio de Janeiro ficava clarinha, sem aquele queimado todo.<sup>23</sup>

Nas cidades natais dos garçons consultados, a grande maioria das pessoas trabalha na roça e passa boa parte do dia em serviço no campo, exposto ao sol. Para muitos o serviço é sinônimo de sofrimento e de atraso, e a vida na cidade surge como uma oportunidade de largar a enxada. A pele mais clara simbolizaria a confirmação de que na cidade a sobrevivência poderia ser garantida através de outros meios. Nos comentários sobre a aparência, além das mudanças na cor da pele, novos hábitos no vestir e no falar também foram mencionados pelos entrevistados, conforme pode ser verificado em alguns trechos:

Quando eu fui visitar a minha cidade, o pessoal me achou diferente, mais educado. Como eu tava usando roupas melhores, o pessoal

---

<sup>21</sup> Mário Jorge Alves, em entrevista realizada no dia 19 de dezembro de 2006

<sup>22</sup> Patriolino, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007

<sup>23</sup> Batista, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 2007.

pensou que eu tava com muito dinheiro. Mas nem era verdade, eu tava simplesmente melhor de vida.<sup>24</sup>

Aqui no Rio de Janeiro, a gente acaba tendo que se vestir melhor, e quando se vê já estamos bem diferentes. Eu nunca tinha reparado direito nisso, só me dei conta, quando cheguei na minha cidade, e todo mundo ficou comentando, dizendo que eu tava com uma aparência boa, que a vida no Rio deveria ser boa, por conta dessas mudanças.<sup>25</sup>

A partir das declarações sobre entrevistados, percebe-se que a cidade é representada como esse lugar no qual o acesso às novidades é possível, bem como é qualificada como local capaz de suscitar transformações.

---

<sup>24</sup> Francisco Matos, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 2007.

<sup>25</sup> Pedro Barros Pereira, em entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 28 de novembro de 2007.

## Referências

ASSIS, Gláucia de O, e SASAKI, Elisa Massae. **Teorias das migrações internacionais**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12., 2000. Anais... Caxambu, 2000. Disponível em CD-ROM.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª edição. São Paulo, Braziliense, 1994.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.169-186. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/CastroGomez.rtf>>. Acesso: 30/03/2007.

DURHAM, E. R. **Migrantes nacionais**. In: Marcondes, J. V. F.; Pimentel, O.. (Org.). Espírito-Povo-Instituições. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

FAZITO, D. **Dois aspectos fundamentais do “retorno”**: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. In.: IV Encontro Nacional sobre Migrações, GT de Migração, 2005, Rio de Janeiro. Home Page da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Editora Vozes, 10ª edição, 2002.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.

MEDRADO, Benedito e SPINK, Mary Jane S. **Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas**. In: SPINK, Mary Jane S (org.) – **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004.

MENEZES, Cláudia C.de S. **A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

RESENDE, Fernando. **A comunicação social e o espaço público contemporâneo**. Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política, volume 5, número 10, p. 129-145, janeiro/julho 2005. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Comunicação Social.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus Editora, 1998.

## Jornais impressos

MENDES, Taís. **Rio das pedras na bandeja**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 04 de fevereiro de 1999

REIS, Ana Cristina; VEIGA, Hebe. **Francisco Alves, o rei do Amarcord**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 13 de março de 1998.

RODRIGUES, Flávia. **Há 20 anos no ramo da comida japonesa**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 28 de abril de 2002.

VASCONCELOS, Nélon. **Perfil: Francisco Antônio Rodrigues**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 11 de janeiro de 2004.

**“Todo o prazer do bom atendimento”**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 17 de maio de 2001.

**“Simpatia à moda do freguês no Méier”**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 24 de abril de 1997, Caderno: Zona Norte, p. 8

**“Subindo na vida: sócios e donos de redes de restaurantes mostram como é duro trabalhar e vencer”**. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 27 de março de 1997.